



OS vendedores invisíveis

As histórias de Paulo, vendedor de chocolates em dias de chuva, e da repórter Beatriz, que exerceu a profissão por um dia

POR BEATRIZ REY

O ônibus balança. Os sons do motor se misturam aos emitidos devido à falta de manutenção do veículo. Chacoalham passageiros, motorista e cobrador. Para quem está na rotina diária do transporte público, o humor pode não ser dos melhores. Caras de desânimo, bocejos, olhares distantes. Gente dormindo. Há quem arrisque uma música no walkman. Ou quem prefira um livro. Mas é possível ler com tanto movimento? A impressão é que vale qualquer coisa para esquecer o sufoco da viagem de ônibus. Freada brusca, o motorista pára em um ponto. Mãos seguram os assentos. Eles servem de apoio. Sobem uma, duas, três pessoas pela porta da frente. A porta de trás também é aberta. Por ela, entra um personagem conhecido pelos passageiros de ônibus. Ele atravessa o corredor abarrotado de pessoas, e, em frente à catraca, inicia um discurso também familiar a quem utiliza qualquer transporte público em São Paulo.

“Eu não gostaria de interromper a viagem de vocês, mas estou vendendo meus produtos e vim mostrar a vo-

cês-um-produto-pessoal-de-marca-conhecida-é-o-novo-happy-dent-aprovado-pela-associação-odontológica-é-dois-por-um-real-ou-um-passe-obrigado-boa-viagem.”

Ao terminar de falar, o vendedor ainda tem fôlego suficiente para abordar todos os passageiros e entregar o produto nas mãos de cada um deles. “Com licença. Obrigado.” Os ambulantes vendem de tudo, mas o kit mais comum traz pacotes de balas e chicletes. Há aqueles que oferecem cartões românticos com os doces. (Ou mesmo bilhetes. *Estou lutando por um objetivo. Vender balas e chicletes foi um meio de continuar uma vida simples e honesta. R\$1,00 ou um passe. Deus o acompanhe.*)

As reações estampadas nos rostos dos passageiros são diversas. Alguns soltam risos ao ouvir o discurso. Outros continuam imersos na música, na leitura ou nos próprios pensamentos. Existem também os curiosos. Muitos ainda se incomodam com a abordagem. Sentem-se invadidos. Mas por que entregar o produto nas mãos dos passageiros? Os vendedores ambulantes garantem: é uma das estratégias

de um marketing próprio. Uma fórmula aprendida pela experiência e necessidade. Colocar a mercadoria na mão do cliente é uma maneira de incentivá-lo a comprar. O bilhete pode até sensibilizar o passageiro.

(O chacoalho do ônibus não desaparece. Andar pelo carro é como estar em um brinquedo de parque de diversões.)

O vendedor continua seu trabalho. Hora de recolher os pacotes que tinham sido deixados com os passageiros. Contabilizar quantos não serão devolvidos. Por último, o ambulante tenta agradecer o motorista e o cobrador oferecendo um de seus produtos. Afinal, depende deles para realizar seu trabalho. “Ô, grande, vai um?”. A negativa é a deixa para que ele agradeça mais uma vez e dê o sinal para descer. No próximo ponto, leva sua mercadoria para a calçada. Fica à espera de mais uma chance de trabalhar.

Espera dura. Ele pode passar mais de meia hora até conseguir outro motorista camarada. Corre o risco de levar vários não seguidos e voltar para casa sem o dinheiro de todo dia. Esta é a rotina de dez mil vendedores ambulantes que circulam pelos ônibus de São Paulo. Dez mil no papel, segundo a Cooperativa de Vendedores de Doce de São Paulo. Quem não foi contado é mais invisível.

Para os passageiros, todos são invisíveis. Fazem parte de um cenário caótico que foi desenhado para São Paulo. Uma São Paulo que obriga seus moradores a aparecer para sobreviver. Uma cidade onde pode se levar a vida inteira para se ser notado. Ou morrer no anonimato.

A história de Paulo

Solange está apressada. “É logo ali, mas precisamos chegar logo, logo mesmo, porque a loja fecha lá pelas duas horas e que horas são? Duas e um, vambora, vambora.” Acompanhada pela filha de dez anos, Ana Clara, e o filho de quatro, Luís Gustavo, a comerciante precisa reabastecer seu ponto fixo na Avenida Nove de Julho. “Sou camelô, sabe?”

Para isso, anda num ritmo acelerado. Quer pegar a doceria aberta. A Rua Brigadeiro Tobias, onde está, mais parece um lugar abandonado. O sábado deixa tudo mais calmo naquela região do centro da cidade. Você gosta de ser comerciante? “Ô, minha filha, nós fazemo o que pode, né não? Cê também não faz o que pode? Mas tem um monte de vendedor ambulante lá. Ô lá, tudo cheinho já. Tá pra fechar.”

O barulho que sai da casa na esquina interrompe o silêncio que há pouco tempo experimentávamos. (ô, grande, cobra aí pra mim! quanto deu? só isso? só! não tem troco? trin trin trin aí eu falei pro cara: se liga, meu, eu subo no ônibus todo dia pra vender, nesse ponto, qualé?) Ali as pessoas matracam. Muitas pessoas ensacando balas, chicletes, chocolates. Máquinas registradoras, pessoas pedindo notas fiscais, contando balas de gomas, correndo em busca das suas compras. Estamos num dos pontos de encontro de camelôs e vendedores ambulantes: a doceria Bom Baiano, ao lado da estação da Luz. “É onde tudo é mais barato, sabe?” De longe, a casa lembra um bar lotado de gente discutindo em voz alta.

Solange entra na doceria. Antes de sumir no meio da multidão desesperada por pacotes e mais pacotes, aponta um homem. “Esse aí, olha aí, vende bala, chiclete, tudo no ônibus, fala com ele.” De camiseta azul e calça jeans, o rapaz coloca balas de goma dentro de uma caixa de papelão. “Me chamo Paulo. A gente pode conversar naquele bar ali. Pode ser?”

Sentamos num bar do outro lado da rua. O lugar está vazio. Nossas únicas companhias são o garçom e duas mulheres que conversam à nossa esquerda. Ele logo pede uma tubaína. “Meu vício. Isso e o cigarro. Quer um?” Não, obrigada. “Pode pegar, não é para-guaio, não. É só a caixinha!” O vendedor ambulante de vinte e seis anos trabalha na Avenida Nove de Julho desde os treze. Alega ter sido o primeiro a circular naquela região. No início da conversa, ele conta sua maior paixão. “Quando eu tinha treze anos, meus pais se separaram. Eu jogava na Portuguesa, era jogador do juvenil. Era pra eu ter seguido carreira, tanto que eu joguei lá na época do Dener (*ex-atacante da Portuguesa morto há onze anos em um acidente de carro*).”

O amor pelo futebol foi substituído pela necessidade de ganhar dinheiro para ajudar a família. Depois de ser expulso da casa da mãe, tentou morar com o pai. Também não conseguiu. As dificuldades de relacionamento com a madrastra o fizeram bater na porta da avó. Foi com ela que Paulo morou até 1998. A avó insistiu para que ele terminasse de estudar antes de trabalhar. Ele encontrou um meio-termo.

“Eu fui vendo as dificuldades de todo mundo, e comecei a vender sorvete pelas ruas. Vendia de manhãzinha, antes de ir para escola, e no final de semana o dia todo.” Foi aí

Corre o risco de levar vários não seguidos e voltar para casa sem o dinheiro de todo dia. Esta é a rotina de dez mil vendedores ambulantes que circulam pelos ônibus de São Paulo

Sugerimos inserir detalhe da ilustração usada na abertura da matéria

que você largou a Portuguesa? “Isso, porque comecei a trabalhar de manhã durante a semana.” Não demorou muito para que ele tivesse coragem de subir nos ônibus e escolher outra mercadoria para vender. O sorvete foi trocado por doces.

Mesmo quando tinha empregos fixos, ele continuou atuando como vendedor ambulante. “Com 14 anos, arranjei meu primeiro emprego como registrado. Era auxiliar de expedição na Paulista. Saía do serviço às 5 da tarde, pegava o metrô, vinha até a Bom Baiano, comprava balas e vendia na Avenida Paulista até as 10 da noite. Conta que a primeira vez que subiu num ônibus como vendedor, saiu com prejuízo. “Foi muito engraçado...eu entrei, morrendo de vergonha e parei na frente de todo mundo. Só ficava olhando pra baixo. Nem lembro direito o que falei. Só sei que coloquei um chocolate na mão de cada um, dei sinal e fui embora! Larguei toda a mercadoria lá! Hahahaha!”

Hoje, treze anos depois, orgulha-se de poder até contar piadas para os passageiros. “Quando é um ônibus que eu vejo que é um pessoal assim, mais alegre, eu faço uma brincadeira. Aí todo mundo ri, e quanto mais ri, mais compra!” Algumas estratégias já são regras entre os vendedores ambulantes. O inverno é quando eles vendem mais. Nessa estação as pessoas comem mais doces. Em dias de chuva também costumam faturar mais. “A maioria dos vendedores some dos pontos! Eu só coloco uma proteção na mercadoria. A gente se molha, né...Aí o trânsito parado, aquela chuva...todo mundo compra!”

De manhã, não adianta vender chocolates. O produto certo para este

período são as balas e chicletes. “Vem todo mundo dormindo no ônibus. Quando acordam, querem um dos dois pra refrescar o hálito!”

Paulo tem até uma superstição para vender. Mas logo avisa: só funciona com ele mesmo. “Eu comecei a parar pra falar sempre do lado do cobrador, e deixo a mercadoria primeiro nesse lado também. Você acredita que eu sempre vendo mais nesse lado? Não tem uma vez que não dá certo!” Depois que terminou o ensino médio, Paulo chegou a trabalhar como office-boy numa empresa de construção. Foi demitido com outros funcionários quando o dono do lugar decidiu cortar gastos.

Sempre que ficava desempregado, pagava as contas com o dinheiro da venda de doces nos ônibus. Mas mesmo tendo uma segunda opção de trabalho, Paulo arriscou outra maneira de ganhar dinheiro. Há seis anos, foi preso por assalto e passou quatro meses na cadeia. Ele não esconde o episódio. “Eu e mais quatro amigos resolvemos assaltar uma lanchonete lá na Lapa! Queríamos abrir o cofre! Mas aí o dono do lugar ligou pra polícia, e fomos pegos em flagrante pelo GOE!” E você trabalhou em outro lugar antes de ser vendedor de vez?

“Meu último emprego como registrado foi no Alvorada.”

No Hospital Alvorada, zona sul de São Paulo, ele trabalhou como auxiliar de escritório e administrativo. Paulo propôs que fosse transferido para Belo Horizonte como gerente de vendas, porque queria fazer um teste no Atlético Mineiro para ser jogador. O vendedor ainda tinha esse sonho. A empresa aceitou a proposta, e ele foi. Mas se arrependeu. Paulo é enfático ao

“Só ficava olhando pra baixo. Nem lembro direito o que falei. Só sei que coloquei um chocolate na mão de cada um, dei sinal e fui embora! Larguei a mercadoria lá! Hahahaha!”, ri Paulo da própria estréia

dizer que estranhou tudo na nova cidade. “Não consegui o teste no Atlético e não me adaptei na cidade, o salário não compensava o sacrifício... larguei o emprego em seis meses. Mas ainda fiquei dois anos lá... até de barman eu trabalhei. Quando a boate fechou, resolvi voltar.”

É um capítulo de sua vida que ele não gosta muito. O tempo que passou longe de São Paulo o afastou da maior paixão. “Sinceramente? Senti mais falta do futebol. Eu sofria muito. Costumo ir no estádio direto ver meu time. Sou corinthiano, sabe?” Paulo mostra uma tatuagem no bíceps direito. É o símbolo do time paulistano. *(foi impedimento no final do primeiro tempo, o juiz não deu nada, velho! foi aí que a gente tomou o gol! que impedimento, o quê! ele não tava impedido, não! o gol aconteceu porque o cara é bom!*

o juiz tava comprado, tô falando, tava comprado...) No bar, o tom de voz dos homens encostados no balcão aumentava. Eles acabaram de chegar. Fica difícil conversar com tanto barulho. A Avenida Prestes Maia, logo no final da rua, também começa a impedir nosso bate-papo. O zigue-zague de ônibus e carros produz um som que incomoda.

Aos 21 anos, quando voltou a São Paulo, ele ainda trabalhou como motorista numa transportadora. Seu último emprego durou três anos. “Aí hoje eu tô desempregado mesmo e só trabalho nas ruas.” Você gosta da rua, não é?

“Gosto por causa da comunicação. Eu me dou bem com o público.” Basta vê-lo em ação nos ônibus paulistanos para concordar.

“Boa noite, pessoal! Desculpa estar incomodando a viagem de vocês! Trago aqui em minhas mãos as selecionadas balinhas Supra-Sumo! Quem faz a divulgação das balinhas é a Xuxa, o Pelé e o Luciano Szafir, tá legal? Eu trago dentro dos coletivos por apenas três centavos a unidade e 15 por um real! E quem não acreditar que é a balinha dos artistas é só olhar a câmera, pessoal! Vai virar artista também!”

Rostos curiosos encaram o vendedor. Todos param para escutá-lo. Quando ele brinca, algumas pessoas riem. Uma passageira o chama. É a primeira a comprar. “Vou virar mesmo artista?” A estratégia funciona: ao final da viagem, Paulo contabiliza oito vendas, o que rende oito reais. “Eu sou contra o pessoal que entra no carro e fala que tem filho, irmão, passa dificuldades, está desempregado...porque eu não tô desempregado na verdade. Sou meu próprio patrão.”

Durante doze horas por dia, ele sobe e desce dos ônibus na Avenida Nove de Julho, só voltando para sua casa, no Jardim Orion, zona sul da cidade, às 22h. Aos sábados, trabalha, em média, cinco horas. “De Domingo eu não quero nem ver ônibus! Vou pro Sesc, bato uma bolinha...” E o futebol? Não dá mais, não é? “Minha idade não permite, né? Com 26 anos... acabou. Mas quem sabe ainda não consigo fazer uma faculdade de jornalismo e ser repórter esportivo?”

A história de Beatriz

“Com que roupa eu vou?” A pergunta que me faço lembra o compositor e cantor Noel Rosa. Adepto da boemia, o sambista vivia pelos bares cariocas todas as noites. Cansada

de suas aventuras etílicas, a mãe de Noel resolveu um dia jogar fora todas as suas roupas, como castigo. À noite, quando foi escolher uma camisa para sair, Noel se deparou com um armário vazio. Ficou parado em casa enquanto seus amigos batiam na porta convidando-o para o samba. Sentou e escreveu: “Com que roupa eu vou? Ao samba que você me convidou?”. Mas não eram a boemia e o samba os programas daquela sexta-feira à noite. Eu estava em casa, preocupada com a roupa com que venderia doces dentro do ônibus no dia seguinte. Decidi embarcar nessa missão jor-

nalística depois de ouvir de todos os vendedores ambulantes que entrevistei a mesma frase: a primeira vez que vendi doces quase morri de vergonha. Mas sabia que não ia convencer como vendedora se não me adaptasse. Depois de olhar todas as camisetas que tenho no guarda-roupa e achá-las arrumadas demais, optei pela camiseta do Corinthians. Número 10, da época em que Carlitos Tevez ainda fazia parte do time.

No dia seguinte, acordei às 8 com o sol batendo na janela e tomei um banho. Nada de secador para arrumar a franja. Cabelo preso, cara de sono, camiseta do Timão, calça velha e chinelo. Estava pronta. Desci as escadas do prédio com um frio na barriga estranho – afinal, onde estava com a cabeça quando decidi vender doces nos ônibus? O que falaria na frente dos passageiros? Resolvi parar de pensar. Respirei fundo e desci a Avenida Brigadeiro Luís Antônio, no sentido Bexiga. Não demorou muito para que eu encontrasse uma loja de doces. Entrei. Dei uma olhada nas

prateleiras. Balas, chicletes, chocolates. O que levar? Logo reconheci um dos produtos que Nogueira vende, o *Chokiss*. Bingo. Era esse mesmo. R\$ 6,86 a caixa com 20. Calculei: se vender dois por R\$1,00, tiro R\$10,00. Lucro de quase R\$4,00. Pronto, era isso. Passei no caixa, paguei e pedi uma caixa de papelão.

Desci mais um pouco a Brigadeiro Luís Antonio. Enquanto pensava na vergonha que passaria, pisei num amontoado de barro perto do Supermercado Extra. As barras da calça ficaram marrom. Era tudo o que eu precisava. Parei dois pontos depois da Avenida Paulista. Olhei a Brigadeiro como um personagem deslocado daquele cenário. O normal seria eu estar com o meu Bilhete Único nas mãos, à espera de um ônibus para chegar a algum lugar. Mas não. Eu estava lá, com uma caixa de papelão cheia de doces, esperando um ônibus para vendê-los. Ai, socorro!

Foi quando eu estava prestes a desistir que o primeiro ônibus chegou. Não tive nem tempo de raciocinar. Mostrei logo a caixa para o motorista. Ele abriu a porta da frente. “Posso vender aê, irmão?”

Sinal negativo com a cabeça. Comecei bem, com um não de cara. Meio decepcionada, resolvi esperar o próximo. O frio na barriga não só continuava, como ia aumentando a cada minuto. Era como se alguém dentro de mim ordenasse: vai embora! Você não vai conseguir falar na frente de todos os passageiros! Mais um ônibus. Mostrei a caixa para o motorista que, dessa vez, acenou positivamente com a cabeça. Não sei dizer exatamente o que aconteceu com o meu corpo entre o aceno positivo e a hora em que desci do veículo.

Minhas pernas ficaram bambas, o coração disparou, eu perdi a noção do que falava. Subi as escadas correndo, como se estivesse numa maratona. Parei em frente à catraca e quando percebi, estava lá, na frente de um monte de gente sentada, dizendo: “Gente, licença. Eu não queria interromper a viagem de vocês, mas tô aqui, fazendo meu trabalho honestamente, e trago pra vocês a nova novidade da Jazam: o *Chokiss*. É um amendoim coberto com chocolate, dois por um real, um por cinquenta centavos. Vou deixar aí na mão de vocês.”

Eu gaguejei. Eu tremi. Eu quase não tinha voz. Ahhhh. “A nova novidade”? Mas na hora não deu tempo de pres-

tar atenção nas besteiras que falei. Eu ia falando e falando e olhando para o chão, com medo de encarar os passageiros. Porque eu sabia que eles não estavam nem aí. Às vezes olhava só para checar. Era aquilo mesmo. Muitos continuaram observando alguma coisa na janela. Outros ficaram lendo. Quando passei deixando o *Chokiss*, teve gente que me olhou com cara de desprezo e se negou a segurar o pacote. Eu era um incômodo.

A hora de voltar para pegar os pacotes também foi horrível. Eu parei mais uma vez em frente à catraca e disse: “Alguém vai levar???” Nenhuma resposta. Tudo bem que eu fiz do jeito errado. Eu deveria ter perguntado isso para cada um deles. Mas alguém precisava ter dito alguma coisa. Qualquer coisa. Resolvi ir buscar os amendoins. As pessoas não olhavam para mim nem para devolvê-los. Era como se eu não estivesse ali. Elas esticavam as mãos entregando os pacotes ou jogavam um a um dentro da minha caixa – e continuavam lá, sentadinhas, com a atenção presa em sei-lá-o-quê. Pensei: agüentar isso todos os dias deve ser quase insuportável. Depender disso para sustentar uma família, então, impossível imaginar. São muitos rostos de pouco caso juntos. Mas, para a minha surpresa, quando estava terminando de recolher os *Chokiss*, uma mulher com dois filhos quis comprar.

Ela me deu R\$1,00 em moedas e ofereceu o produto para os dois filhos. Em nenhum momento recebi um “obrigada”. Simpatia, então, nem pensar. Nem dela, nem dos quase vinte passageiros. Contei as moedas, coloquei todas no bolso e puxei a cordinha. Antes de descer, dei um berro muito, mas muito alto. “Obrigada motorista, obrigada cobrador!”

Descer as escadas do ônibus nunca significou tanto na minha vida. Era como se eu estivesse voltando a ser eu mesma. Pés no chão de novo. Sensação de alívio. Fiquei parada um tempão no ponto com a caixa na mão, olhando os pacotes, sem entender direito o que tinha acabado de acontecer. Senti o frio na barriga que todos os vendedores me contaram ter sentido. Senti algo entre a necessidade de vender (por outros motivos, claro) e a falta de coragem de fazê-lo. Senti humilhação. Senti falta de um simples “obrigada”. Senti falta de atenção. Senti, na pele, a tal invisibilidade. ☹

Em nenhum momento recebi um “obrigada”. Simpatia, então, nem pensar. Nem dela, nem dos quase vinte passageiros. Contei as moedas, coloquei todas no bolso e puxei a cordinha.
